

A CONSTRUÇÃO DE SABERES INTERCULTURAIS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Miliane Moreira Cardoso Vieira
Doutoranda – UFT/Araguaína

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de pesquisas sobre os estudos de inter culturalidade e o ensino de Língua Inglesa, realizados no projeto de extensão Brasil-Estados Unidos: construções de saberes interculturais, que é desenvolvido na Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Araguaína.

O objetivo deste trabalho faz-se ao discutir a importância e a influência do elemento inter culturalidade implicado no processo de ensino e aprendizagem de Línguas Estrangeiras, em especial a Língua Inglesa. Em estudos sobre esta área, observam-se discussões sobre a interdependência entre os conceitos de língua e cultura, ressaltando, ainda que tais conceitos estejam intrinsecamente ligados, haja vista que a cultura se constrói e se difunde por meio da língua (BROWN, 2000).

Muitas pesquisas apontam que indivíduos transferem forma e significado de sua primeira língua e cultura para a outra língua e cultura que estejam aprendendo, estudos que comprovam isto ocorrem desde Fries (1945). Porém, quanto aos aprofundamentos destas pesquisas, para demonstrar evidências de que ao aprendermos uma nova língua fazemos uma ponte comparativa entre primeira língua e a língua estrangeira, e não somente língua, mas também das culturas, era algo impossível de ocorrer. Havia a alegação de que pouco se conhecia sobre aspectos culturais e o aprendizado de outras línguas (LADO, 1971), crença esta, que não mais se evidencia.

Sabe-se atualmente que ao aprendermos uma língua, implica em também assimilarmos aspectos do contexto cultural em que essa língua circula, além da forma como é utilizada por seus falantes. Aprender a língua Inglesa, por exemplo, significa aprender a cultura dos países onde o inglês é falado, pois:

aprender uma língua estrangeira não significa simplesmente aprender o vocabulário ou a gramática da língua. Existe um aspecto crucial envolvido no processo comunicativo, relacionando tanto aspectos individuais como aspectos transacionais. Trata-se do aprendizado de uma outra cultura, que emerge a partir do momento em que se engaja na tarefa de aprender o novo idioma (VIAN JR., 2012, p. 8).

Devido à importância atrelada ao termo cultura e língua, passamos no próximo subtópico a discussões sobre esta interdependência.

INTERDEPENDÊNCIA ENTRE LÍNGUA, LINGUAGEM E CULTURA

Antes de discutirmos sobre a interdependência entre língua e cultura, dois termos que muitas vezes causam desentendimento pelo uso intercambiável em língua portuguesa serão distinguidos: língua e linguagem, que se diferencia na língua inglesa pelo uso de apenas um vocábulo: *language*, usado tanto para língua quanto linguagem. Ao diferenciá-los, Vian Jr. (2012) aponta que língua refere-se ao (1) sistema linguístico ou a uma (2) língua em específico, como por exemplo, a língua Inglesa, a língua portuguesa, ou seja, um sistema linguístico estruturado à disposição dos falantes para a comunicação. Linguagem refere-se à capacidade humana de utilizar o sistema linguístico verbal/espacial, articulado, usado para expressão e indissociável do pensamento, diferenciando linguagem humana de comunicação dos animais (*c.f.* BENVENISTE, 1976).

Portanto, ao pensarmos em ensino aprendizagem de Língua Inglesa, precisamos pensar em termos de linguagem, mas não somente, devemos considerar também a cultura, pois “atividades culturalmente pertinentes são mediadas pela linguagem” (MOTTA-ROTH, 2011, p.153). Pensar em cultura ao estudar linguagem, especialmente no caso da língua estrangeira torna-se complexo, pois segundo Motta-Roth (2011, p. 160, citando HARVEY, 1990):

[...] as mudanças econômicas e políticas trazidas a reboque do fenômeno da globalização na modernidade tem profundas consequências culturais. O sentido de tempo, de barreiras espaciais e de historicidade dá lugar ao “contrato temporário”. Bens heterogêneos (comidas), práticas culturais (moda, estilo musical) e ambientes construídos (estilos arquitetônicos) são combinados em locais específicos como uma colagem de imagens.

Quando a autora usa o termo colagem, a mesma refere-se a “hibridação de práticas”, possibilitada pelas mídias e as multinacionais, permitindo destruir barreiras de tempo e espaço, possibilitando a criação de um sistema cultural comum, acima de barreiras como as geográficas, as étnicas ou as econômicas, de modo que, numa cultura podemos encontrar diferentes agrupamentos sociais formados para objetivos específicos. Portanto, a ideia de cultura mesmo sendo complexa, plural, envolve práticas sociais localizadas que podem ser definidas pelos objetivos daquela atividade humana desenrolando-se em um dado contexto mediada pela linguagem, concordando com Bergmann (2002, p. 64), que devemos considerar “a língua como um dos códigos que melhor representa a cultura de um povo.”

Aprender um novo idioma significa travar contato com uma variada gama de elementos culturais (produtos culturais, ideias e comportamentos), que influenciam as escolhas linguísticas, pois essas escolhas são feitas com base no contexto sócio histórico em que interagimos (VIAN JR., 2012, p. 9). Portanto ao aprendermos um novo idioma, além da língua precisamos também relacionar este aprendizado a cultura. Porém, que cultura seria aprendida, veremos este termo mais detalhadamente no próximo subtópico.

CONCEITUANDO CULTURA

O termo cultura pode ter várias acepções na literatura ou em nossas concepções. Podemos entendê-lo em seu sentido mais amplo, ao dizer que uma pessoa é culta, significando que esta possui cultura, como sinônimo de conhecimento adquirido, ou entendemos a partir de uma segunda acepção, que diz respeito aos hábitos e costumes de um povo (VIAN JR., 2012). Neste sentido, os diversos elementos que influenciam o aspecto cultural podem ser agrupados em três grandes áreas: Produtos culturais (literatura, folclore, arte, música, artesanato), Ideias (crenças, valores, representações, instituições) e Comportamentos (costumes, hábitos, alimentação, vestuário, lazer) (ROBINSON, 1985 apud VIAN JR, 2012, p. 9). Todos esses elementos interferem de forma direta ou indireta na utilização do idioma estrangeiro que se aprende, pois é necessária a conscientização sobre a adequação do uso da linguagem ao contexto cultural.

Em termos gerais, ao indagarmos pessoas sobre o que representa o termo cultura estas diriam que são tradições e costumes de uma determinada comunidade, sua maneira de viver e seus valores morais, podendo até mesmo ser apontados estereótipos de determinadas regiões ou populações. Porém, segundo Motta-Roth (2011), cultura é um sistema, um conjunto de processos sociais dinâmicos e sujeitos à mudança, não são fixos dentro de fronteiras sociais, econômicas ou nacionais, pelo contrário, são estruturas que vão sendo construídas a partir de atividades que fazem surgir comunidades. Podendo ser comparada a um feixe de recortes, pois se entende cultura como um conhecimento compartilhado por qualquer grupo social, de práticas sociais.

A cultura de uma região é identificada por um recorte geográfico e histórico, assim como a cultura acadêmico-universitária pode ser identificada por um recorte profissional-educacional em relação a outros contextos de trabalho pedagógico; ou a cultura de outros locais de trabalho sendo considerados recortes institucional/profissional que a diferencia de uma escola ou de uma loja e assim por diante (MOTTA-ROTH, 2011). Portanto, cultura é conhecimento aprendido no processo histórico e social, uma rede complexa que liga o conhecimento, a moral, as crenças, artes, leis, comportamentos ou qualquer outra capacidade ou hábito que adquirimos como membros de um grupo, com caráter local e dinâmico, construído via interação linguística (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 1999; LARAIA, 1989).

Brooks (1997) define cultura como o estudo de uma sociedade e das pessoas que aí estão juntamente com suas instituições e modos de vida (COELHO, 2008). Partindo da definição de Brooks (1997), ao estudarmos aspectos que envolvam os modos de vida das pessoas de uma determinada sociedade e suas instituições, estamos estudando a sua cultura. Segundo Brown (2000), ao aprendermos uma língua estrangeira, estamos aprendendo também a cultura que a envolve, ambas estão entrelaçadas:

To be sure, culture is a deeply ingrained part of the very fiber of our being, but language – the means for communication among members of a culture – is the most visible and available expression of that culture (BROWN, 2000, p. 182).

Devido a esta interligação entre a língua ser a mais visível e disponível forma de expressarmos a cultura, discutiremos no próximo subtópico esta inter-relação entre cultura, língua e ensino.

ENSINO, CULTURA E INTERAÇÃO SOCIAL

Ao trazer todas estas questões acerca de cultura e língua para o contexto do ensino e aprendizagem de línguas, Cortazzi e Jin (1999) afirmam que, como a comunicação real nunca acontece descontextualizada, e que a cultura é parte da maioria dos contextos de comunicação, cada vez mais se reconhece que o aprendizado de uma língua estrangeira não pode ser separado de um aprendizado cultural. Portanto, segundo tais autores, o desenvolvimento de uma competência intercultural, que é o encontro de duas ou mais culturas que podem ter tanto similaridades entre si quanto diferenças (Kramsch, 2011a), é tão importante quanto o desenvolvimento da competência comunicativa.

Percebendo a importância da compreensão intercultural para o desenvolvimento de Língua Inglesa, muitos pesquisadores e professores se voltaram para o tema. Essa importância muitas das vezes surge no momento em que observamos em nossos alunos a falta de informação e conhecimentos sobre outros povos. No campo dos estudos interculturais, Benett (1993, apud VIAN JR., 2012: 9), caracteriza dois tipos de cultura: a objetiva e a subjetiva.

A primeira, cultura objetiva, consiste em todas as manifestações que são produzidas pela sociedade, sendo considerados produtos concretos, como a literatura, música, ciência, arte, língua. Quanto à cultura subjetiva, nesta manifestam-se valores e seguem-se determinadas normas estabelecidas tacitamente para o meio social em que se interage. Segundo Benett (op. cit.), este segundo tipo de cultura está presente na utilização da Língua Inglesa, pois como aprendizes desta língua e de sua cultura, é necessário compreender as diferenças culturais em eventos sociais, comportamentos, estilos e forma de ação. A cultura subjetiva está nas manifestações abstratas, tais como os valores, as crenças, as normas, o uso da língua, o que sugere uma competência intercultural que os indivíduos imersos em cada cultura possuem.

Portanto, desenvolver uma Língua Estrangeira não significa somente a transmissão de construções linguísticas ou a mera aquisição de estruturas gramaticais e lexicais, é necessário entender e aprender as normas que regem e regulam a interação social do país cuja língua está sendo estudada (KRAVISKI e BERGMANN, 2006). A palavra norma está sendo utilizada não como é entendida na gramática tradicional, mas sim como contexto cultural mediado via interação social.

Baseando-se nesta perspectiva de interação, Vygotsky (2005) uma das principais referências nos estudos de mediação, que discute a existência de uma intrínseca relação entre o papel da linguagem e o desenvolvimento humano, postula que a aquisição de conhecimentos se dá pela interação entre o sujeito e o ambiente, por meio das relações intra e interpessoais e de trocas, num processo que denominou de interação. A abordagem do psicólogo sintetiza a concepção de homem como ser biológico e ser histórico-social, por esta razão tornou-se conhecida como sóciointeracionista (VYGOTSKY, 1996). Nesta perspectiva, a relação entre o desenvolvimento e a aprendizagem é constitutiva do fato de o ser humano viver em sociedade, portanto, mesmo as atividades individuais dos seres humanos estão impregnadas de trocas com o coletivo (VYGOTSKY, 2005).

Embora os trabalhos de Vygotsky sejam “geralmente voltados para estudos do comportamento infantil, sua teoria se aplica ao estudo da interação em qualquer fase da vida humana” (CONCEIÇÃO, 2013: 14). O desenvolvimento psicológico/mental do ser humano depende da aprendizagem, que se dá por processos de internalização de conceitos promovidos pela aprendizagem social. Neste sentido, que ao desenvolvermos uma nova língua, por sermos seres sociais e estarmos inseridos na sociedade, desenvolvemos aspectos culturais desta outra língua.

Além disso, segundo William e Burden (1997), a adoção de novas condutas sociais e culturais e de novas formas de ser implicam uma alteração da autoimagem, pois produz um impacto importante na natureza social do aprendiz. O desenvolvimento de uma língua adicional é afetado pela globalidade composta pela situação social, o contexto e a cultura da língua alvo, “a soma desses elementos sociais, contextuais e culturais forma o ambiente no qual o indivíduo está inserido e produz assim suas representações sobre outras culturas e linguagens” (KRAVISKI e BERGMANN, 2006: 80).

Para tanto, pode-se então afirmar que adquirir competência linguística seja tão importante quanto adquirir competência intercultural, pois segundo Byram e Fleming (2001), o falante que possui além da competência linguística a competência cultural, conhece uma ou mais culturas e é capaz de adaptar formas corretas e apropriadas da língua, de acordo com o contexto social de uso.

Os conceitos de competência e comunicação intercultural supõem um grande passo no processo de incorporação do componente sociocultural, no ensino de Língua Inglesa. Nesse sentido que, ao ensinarmos cultura, devemos “mostrar aos estudantes como os significados são associados com os usos específicos das palavras, e não com ideias e crenças abstratas” (BYRAM e FLEMING, 2001, p. 37), devemos ensinar como a cultura se manifesta na linguagem dentro de um contexto, e não apenas produtos culturais. Após discussões teóricas e revisões da literatura, no próximo subtópico detalhes sobre o projeto Fulbright/ETA serão abordados.

PROJETO FULLBRIGHT/ETA E A UNIVERSIDADE

Nos seus recém-completados 25 anos (em 2013), o Tocantins cresce e busca sua identidade em meio a tantas imagens de Brasil que moldam a visão de seus habitantes. A chegada dos English Teaching Assistants (ETAs) desde 2011 tem efetivamente contribuído para esta busca, uma vez que como todo viajante, os bolsistas trazem na bagagem imagens do Brasil, assim como dos EUA.

Na Universidade Federal do Tocantins (UFT), ainda mais jovem (fundada em 2003) estas imagens se expõem, se confrontam, se modificam e se misturam dentro e fora das salas de aula, ajudando a pintar a paisagem do Cerrado brasileiro a partir do olhar do estrangeiro que por si só é uma posição fronteiriça. Do encontro entre bolsistas, professores, alunos e comunidade acadêmica (e externa) surgem confrontos culturais que exigem um deslocamento e uma disposição de olhar o outro – e fazendo isso ver a si mesmo.

O projeto ETA (English Teaching Assistants) tem transformado o ensino de Língua Inglesa e suas Literaturas no Campus de Araguaína da UFT; Lugar, este, de afirmação do outro, entendido como espaço onde o caldeirão multicultural (*melting pot*) americano,

representado pelas bolsistas funde-se com as comunidades acadêmica e externa formada por um grande número de migrantes de várias partes do Brasil (MEDEIROS e VIEIRA, 2013).

O objetivo do projeto ETA, aprovado pela CAPES/Comissão Fulbright em Dezembro de 2010, vem sendo executado na Universidade Federal do Tocantins – Campus de Araguaína. Inicialmente este projeto consistia em criar mecanismos para superar dificuldades, entre elas, o processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa (LI), devido ao quantitativo insatisfatório de professores dessa língua, proficiência insatisfatória em língua inglesa entre discentes e demanda dos demais cursos pelo ensino instrumental da LI, a desenvolver-se entre 2011 e 2014.

Atualmente, este projeto expandiu-se, pois através destes grupos de pesquisa e estudo foram criados, e ainda, tornou-se também um projeto de extensão, com produções de pesquisa que integram a universidade, o ensino e a comunidade. Este artigo apresenta-se apenas como um dos seguimentos deste projeto, que toma dimensões bem maiores dentro do cenário da cidade (Araguaína) e da universidade.

Em uma de nossas pesquisas procuramos investigar o que uma das bolsistas americana entendia sobre a visão de cultura, e pudemos observar através do excerto abaixo, que falar de cultura, a remeteu primeiro ao estereótipo, entendendo o termo cultura como comportamentos (costumes, hábitos, alimentação, vestuário, lazer) apontados por (ROBINSON, 1985 apud VIAN JR, 2012, p. 9):

It has been very necessary to constantly counter and explain the stereotypes students have about the United States in regards to peoples, places, and culture. The most common clichés include: 1) all parts of the United States are really nice (like in the movies), 2) most people in the United States are blonde and blue-eyed, 3) there is one kind of food that defines American cuisine, 4) black people in the United States are rich (like Beyonce).

Portanto, o que observarmos deste excerto, propiciou-nos a chegamos a conclusão de que realmente, ao indagarmos pessoas sobre o que representa o termo cultura, estas podem correlacionar o termo cultura a tradições e costumes de uma determinada comunidade, sua maneira de viver e seus valores morais, podendo até mesmo ser apontados estereótipos de determinadas regiões ou populações.

Mais adiante, em outro questionamento sobre a inter-relação de cultura e língua obtivemos a seguinte resposta:

Language and culture are intimately connected, making the instruction of language tantamount to introducing students to social norms, values, and tensions. The whole point of learning languages is to facilitate greater connections and understanding between citizens of different nations, thus contributing to a greater sense of compassion between people of the world. With this end in mind, it would be almost impossible and contrary to the goals of language learning to teach language without culture because they are so intertwined.

Ao analisarmos o excerto acima, pode-se perceber uma tentativa de conectar língua e cultura, afirmando que ao inter-relacioná-las apresentam-se as normas sociais, os valores e as tensões, proporcionando conexão e compreensão entre os cidadãos falantes da Língua Inglesa (nativo e não nativo). Colocando ainda, que língua e cultura estão indissociáveis, concordando, portanto com os vários autores abordados ao longo deste artigo, como por exemplo, Kraviski e Bergmann (2006), afirmando que ao aprendermos uma Língua Estrangeira não significa somente existir apenas a transmissão de construções linguísticas ou a mera aquisição de estruturas gramaticais e lexicais, sendo necessário entender e aprender as normas que regem e regulam a interação social do país cuja língua está sendo estudada.

ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

No presente artigo abordaram-se inter-relações entre cultura e aprendizagem de Língua Inglesa. Através desta inter-relação, pudemos refletir que as escolhas dos elementos utilizados no uso da linguagem revelam por que, em determinadas situações, utilizamos formas de tratamento diferentes (uso mais direto ou mais distante). Percebe-se, ainda, se é melhor enviarmos um documento, ou conversarmos pessoalmente sobre certos assuntos e circunstâncias, ou seja, optamos pelas escolhas mais adequadas para interagirmos em determinadas situações. Escolhas estas que são feitas a partir da experiência como atores sociais (VYGOTSKY, 1996) e do que é recorrente na cultura (VIAN JR., 2012).

A experiência social de cada indivíduo indica que texto será utilizado em determinada interação, qual o papel a ser desempenhado e como organizá-la. Conclui-se que ao desenvolver uma Língua Adicional, considerar relevante apenas a competência linguística não é o suficiente, precisamos abordar também a competência intercultural. Então, devemos

relacionar elementos linguísticos e também culturais ao desenvolvimento de uma Língua Adicional, retomando o que Vian Jr. (2012, p. 13) aponta ao afirmar que “aprender uma língua estrangeira é também aprender a cultura dessa língua”.

Portanto, o desenvolvimento de uma competência intercultural é tão importante quanto o desenvolvimento de outras competências em relação à questão de aprendizagem de línguas, pois “a cultura nos auxilia saber o quão longe podemos nos desenvolver como indivíduos e quais são nossas responsabilidades dentro de um grupo” (LARSON e SMALLEY, 1972, p. 39), ou seja, a aquisição da língua estrangeira mediada pela cultura também contribui para a transformação da vida social.

REFERÊNCIAS

BERGMANN, J. C. F. **Aquisição de uma Língua Estrangeira**: o livro didático como motivador. Curitiba, 2002, 155p. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos), Universidade Federal do Paraná.

BROOKS, N. Teaching culture in the foreign language classroom. In: HEUSINKVELD, P. R. (Ed.). **Pathways to culture**: readings on teaching culture in the foreign language class. Yamouth: Intercultural Press, 1997.

BROWN, H. D. **Principles of language learning and teaching**. 4a ed. White Plains: Pearson Education, 2000.

BYRAM, M. & FLEMING, M. **Perspectivas Interculturales en el aprendizaje de idiomas**. Madrid: CUP, 2001.

CONCEIÇÃO, R. I. S. Formação de Professores de Língua Portuguesa: análise da avaliação de uma proposta de ensino de Produção Textual. **Revista Raído**, vol. 7, n. 13, p. 11 - 36, jan-jun, 2013.

KRAMSCH, C. **Language and culture**. Oxford: OUP, 2001a.

KRAVISKI, E. R. & BERGMANN, J. Interculturalidade e motivação na aprendizagem de Línguas estrangeiras. **Revista Intersaberes**, vol. 1, n. 1, p. 78-86, jan-jun, 2006.

LARSON, D. N.; SMALLEY, W. A. **Becoming bilingual**: a guide to language learning. New Canaan, CN: Practical Anthropology, 1972.

MEDEIROS, V. S. e VIEIRA, M. M. C. **Doces Bárbaros: refletindo sobre alteridade, língua e culturalidade**. SP: Pontes: 2013 (no prelo).

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

COELHO, S. E. C. **A leitura de textos literários em inglês e o desenvolvimento de competência intercultural**. 2008. Monografia (Graduação em Letras Inglês) – Departamento de Letras, Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

CORTAZZI, M.; JIN, L. Cultural mirrors: materials and methods in the EFL classroom. In: HINKEL, E. (Ed.). **Culture in the second language teaching and learning**. Cambridge: CUP, 1999.

FRIES, C. C. **Teaching and Learning English as a Foreign Language**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1945.

HALLIDAY, M. A. K. & MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing Experience through Meaning: a language-based approach to cognition**. London/Nova York: Continuum, 1999.

LADO, R. **Linguistics across cultures**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1971.

LARAIA, R. de B. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

MOTTA-ROTH, D. Questões de Metodologia em análise de Gêneros, in: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B. & BRITO, K. S. (Orgs.) **Gêneros Textuais: Reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 154-173.

VIAN JR., O. **Língua e Cultura Inglesa**. Curitiba: IESDE, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Tradução de Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WILLIAMS, M. & BURDEN, R. L. **Psychology for Language Teachers**. Cambridge: CUP, 1997.